



Uma tarde festiva celebrou os 80 anos bem vividos de Nazi Holanda

• PAGES 4 e 5



Mais nova octogenária da cidade, Nazi Holanda de Alencar com os filhos Mércia, Mauro, Mário e Marcia em charmosa casa de chá na Península

Teresa Martins ganhou concorrido jantar no Cabana do Sol, para festejar sua nova idade

• PAGES 6 e 7

Fotos/Divulgação/Herbet Alves



NAZI

Holanda de Alencar teve os seus bem vividos 80 anos festejados como uma elegante tarde de chá na Península da Ponta d'Areia

PAGES 4 e 5

Estamos em pleno mês de julho e continua o fenômeno conhecido como chuva. Ou, condensação do vapor d'água contido na atmosfera e despejado em gotas por um cidadão temperamental chamado São Pedro. Ultimamente este fenômeno tem exagerado na dose e, vez por outra, virado tragédia.

Há temporais cinematográficos, como o que desabou, um dia, no set de filmagem de Cantando na Chuva. Um clássico, lembram-se? Gene Kelly não desperdiçaria nenhuma poça d'água nativa, para chapinhar, digamos, em plena Rua Grande, a sua coreografia pluvial, tendo por coadjuvante o guarda-chuva - adereço mediante o qual contracenava com esculturas de cristal líquido.

Era impressionante o que os musicais da Metro podiam fazer com um Gene Kelly, um Fred Astaire e um guarda-chuva, ainda que a chuva fosse postiça, "de cinema".

Em rigoroso contraste com esses mestres da destreza e da leveza corporal, é impressionante o que "não" consigo fazer com um desses "urubus". Não tenho sequer jeito para carregá-los, abertos como uma couve-flor, numa calçada do centro da cidade, cheia de gente. Declaro minha absoluta incompetência para "dirigir" um guarda-chuva numa calçada estreita de São Luís, um olho evitando a poça d'água, o outro cuidando para não magoar o olho do próximo com as varetas do meu desajeitado "aribu".

Se pedissem a Orson Welles uma reprise de A

NA CHUVA

com música, luzes e ficção para celebrar uma época de sonho

Guerra dos Mundos, o criador de Cidadão Kane não imaginaria o fim de São Luís pela ocupação dos marcianos. O genial filmmaker nem precisaria turbinar a imaginação: o fim das cidades de boa parte do litoral do Maranhão começaria com uma chuva interminável, que duraria 365 dias. E quando todos esperavam a volta do sol e do bom tempo, as nuvens outras vez acampariam sobre o infortúnio dos maranhenses.

As ruas aos poucos se transformariam em aquários e, em lugar de pele, as pessoas exibiriam, com algum pudor, as escamas dos dias sem sol. No lugar de pulmão, desenvolveriam guelras - e nadadeiras no lugar dos braços.

A última imagem de Welles flagraria o urubu de Edgar Allan Poe pousado na ponte Bandeira Tribuzi, com a água a um palmo de suas asas en-

charcadas. Para um veterano da ficção científica, como Arthur C. Clarke, o fim de Nova York aconteceria debaixo de uma montanha de lixo, nascida no Harlem, com ramificações no Bronx e no Brooklyn - isto é, na Ilhinha e no Barreto.

Apesar dos esforços do prefeito noaiorquino, um tsunami de detritos - assim como aconteceu há pouco tempo em Bacabal, para debelar um incêndio - subiria a Quinta Avenida, inundaria o Central Park, espalharia a catanga pelos outrora glamorosos endereços da Tiffany e da Trump Tower, empestaria o Rockefeller Center e, via Broadway, chegaria à City e à Bolsa, cerrando as portas da já abalada Wall Street.

Em Genebra, a catástrofe teria início no abalo sistêmico provocado pelos depósitos de políticos brasileiros, depois que eles escolheram o Credite

Suisse da Rue de Rive. Um interbancário do subprime aportaria às margens do Lago Léman, em Genebra, provocando formidável trombose financeira, que se irradiaria pelo mundo.

O fim de Roma começaria, claro, numa discussão em pleno trânsito, provocada pela prosaica pergunta de um turista. O forasteiro queria saber de um carabinieri qual o caminho mais curto entre a Piazza Navona e a Fontana di Trevi. Ouvindo a resposta, um passante colocou-se contra a explicação do policial. Dois taxistas se agregaram ao debate, na expectativa de ganhar o cliente. Em menos de uma hora o grande forrobodó e espriaria rumo à Via Veneto, envolvendo o premier italiano, a embaixada americana, as Brigadas Vermelhas, dois cineastas neorealistas, as torcidas da Lazio e da Roma, uma sobrinha-neta de Mussolini e o bem intencionado Papa Leão IV. Em um mês, os hunos estariam outra vez às portas da Eterna Città...

Tanta tragédia sobre a Terra e sobre os homens merece a nossa reflexão e a nossa penitência.

Poderia até começar a pensar no castigo devido aos homens que semeiam o efeito estufa e colhem temporais - até porque as chuvas afetam o humor das pessoas, envolvem-nas numa atmosfera de hipocondria e consternação, um véu de amargura só dissipável com a chegada do sol.

Só não penso porque tenho que sair correndo pra minha sala de visitas, acudir uma goteira que ameaça pingar em minha sorte.



Vista aérea do Arraial do Empreendedor da Fecomércio-MA

ARRAIAL DO EMPREENDEDOR

A edição 2025 do Arraial do Empreendedor, promovido pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Maranhão nos dias 26 e 27 de junho, transformou o Centro Comercial Fecomércio em um vibrante espaço de cultura, negócios e celebração junina.

Com programação cultural, barracas de comidas típicas e um ambiente acolhedor, o evento foi um verdadeiro sucesso de público, reunindo famílias, empreendedores e visitantes em dois dias de festa e oportunidades.

A abertura ficou por conta do cacuriá Balaio de Rosas, que animou a plateia com muita cor e energia. A primeira noite

também contou com apresentações do boi de Nina Rodrigues, boi Brilho da Ilha e da banda Barê de Casco, levando ao público o melhor do São João maranhense. Já na segunda noite, a quadrilha Rosas Juninas abriu a programação com muita emoção, seguida do show de Betto Pereira e do encerramento com o boi de Morros, em um espetáculo que exaltou o sotaque de orquestra e encerrou a programação com grande estilo.

Além das atrações culturais, o arraial contou com barracas de comidas típicas, bebidas e artesanato, incentivando o consumo local e o fortalecimento da economia criativa.



Apresentação do cacuriá Balaio de Rosas no Arraial do Empreendedor



O presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, e sua esposa, Ana Célia Feijó, acompanhados da apresentadora Madalena Nobre, do diretor regional do Senac, José Ahirton Lopes e do Repórter PH



Anderson Bentes de Sousa e Michelinne com a filha Ana Clara e o namorado



A primeira-dama da Fecomércio-MA, Ana Célia Feijó, com Orquídea Santos, Max de Medeiros e o Repórter PH



O presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, acompanhado do superintendente da Fecomércio-MA, Max de Medeiros, da diretora regional do Sesc, Rutineia Amaral, e do presidente do boi de Morros, José Lobato



O presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, e a vice-presidente da Associação Comercial do Maranhão, Jenilce Pavão



O presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, acompanhado do presidente da Associação Maranhense de Distribuidores e Atacadistas (Amda), Eduardo Alcoforado, e do presidente do Sindicato do Comércio Varejista do Maranhão do Sul (Sindicom), Joey Viêra

SOMOS O QUE BEBEMOS E COMEMOS



Grande produtor de vinhos, jornalista e crítico de vinhos dos mais festejados de Portugal, Pedro Garcias nos brindou esta semana com um belo comentário lembrando que todos somos imigrantes e a viagem das uvas e do vinho é o espelho da nossa viagem.

Somos o que bebemos e comemos e o que bebemos e comemos tem muito pouco de nacional. É fruto de constantes cruzamentos e influências, de migrações sucessivas.

Pedro Garcias pede perdão aos leitores para dizer que por estes dias, é difícil escrever sobre vinhos, embora o vinho nos ajude a perceber o mundo.

Segundo ele, um dia, o mundo vai olhar para o que está acontecendo hoje e perguntará como perguntou no final da Segunda Guerra Mundial: como foi possível que tanta gente respeitável e sensível, tantos democratas, indivíduos e países tenham permitido, pelo silêncio ou a inércia, esta monstruosidade? Sim, como é possível que estejamos a sucumbir ao oportunismo assassino de Netanyahu e companhia, que, a pretexto, de eliminar os assassinos do Hamas, estão dizimando milhares de palestinos inocentes e, agora, a arrastar os Estados Unidos da enlouquecida era MAGA para uma guerra mais vasta tendo como alvo o Irã? O Irã da grandiosa civilização persa, cujo maior rei, Ciro, libertou os judeus do cativeiro da Babilônia, permitindo o seu regresso ao Reino de Judá, cuja capital era Jerusalém.

Como dizia Pedro Garcias, o vinho pode nos ajudar a compreender melhor o mundo. O que leva muita gente a escolher um vinho no restaurante, na garrafeira ou até na grande distribuição é muitas vezes o preço e a apresentação da garrafa. Mas, a uma escala mais reduzida, a forma mais eficaz de vender um vinho e afirmar uma marca é através da empatia. É trazer o consumidor até à origem do vinho, para que conheça quem o produz e como o produz. Essa ligação do consumidor ao produtor pode criar relações duradouras. O consumidor poderá sempre dizer: eu sei como este vinho nasce, eu vi, eu conheci quem o produz, eu estive lá. Empatia. É isso que nos falta cada vez mais, essa capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, de pensarmos que cada morto em Gaza, no Irã, em Israel, na Ucrânia, ou em qualquer outro lugar, podia ser um familiar nosso, podia ser nós.

E o que somos nós, afinal? Quando saboreamos um vinho raramente pensamos na sua pegada, na longa caminhada que as castas de que é feito percorreram até hoje. Mas devíamos fazê-lo, porque a longa viagem das videiras e do vinho é o espelho da nossa própria viagem. Através do vinho, como lembra no seu belo e poético livro *Lambrusque* a ex-jornalista e ex-produtora no Languedoque Catherine Bernard, “a videira fala-nos das entranhas de onde viemos, onde voltaremos, do seio que nos alimentou”.

A domesticação das videiras selvagens ocorreu, segundo os estudos mais recentes, há cerca de 11 mil anos, e não foi na Geórgia, na Armênia ou no Azerbaijão, como se pensava. Foi, imagine o leitor a ironia, um pouco mais ao lado, na zona onde se situam hoje Israel, a Palestina por reconhecer, o Líbano e a Jordânia. Desde então, as videiras foram os grandes companheiros de estrada dos humanos. A partir de diferentes polos de domesticação (a Península Ibérica teve o seu), as videiras foram se expandindo pelo mundo, seguindo a migração dos agricultores. Nesse percurso, foram-se cruzando-se umas com as outras, como os humanos, dando origem a novas variedades. Hoje já não há dúvidas sobre o papel decisivo das videiras e do vinho na formação de sociedades sedentárias e na própria civilização humana.

Quando bebemos um Alvarinho de Monção-Melgaço, por exemplo, pensamos estar bebendo apenas um branco do Minho. Mas não. Na verdade, estamos bebendo também um pouco da variedade branca Savagnin, popular na região francesa do Jura e ancestral da Alvarinho, tal como da Arinto e de muitas outras. A Savagnin, responsável por um dos vinhos mais singulares de França, o vin jaune do Jura (um vinho branco de perfil oxidativo que estagia em barricas sob a proteção de um véu de leveduras), parceiro perfeito do queijo Comté, é uma das grandes castas procriadoras da viticultura mundial, tal como a quase extinta Gouais Blanc.

Esta variedade de uva branca, bastante ácida, é considerada a “Casanova do mundo das uvas”. Dela descendem as castas Riesling e Chardonnay e pelo menos mais 82 variedades. Provavelmente originária do leste da Europa, onde leva o nome de Heunisch Weiss, a Gouais Blanc deixou descendência um pouco por todo o lado, da Europa à Austrália.

Mas a variedade de uvas que maior simbolismo carrega nos dias de hoje talvez seja a Moscatel. Vinda do Oriente, a Moscatel já não é uma só. São várias as derivações que se aninham debaixo do mesmo chapéu. Conhecida pela sua doçura, a Moscatel foi ganhando raízes por onde passou, adquirindo diferentes nacionalidades e origens. Moscatel de Málaga, Moscatel de Setúbal, Moscatel de Alexandria, Muscat de Frontignan... Como é que os imigrantes ainda não a elegeram como símbolo?

Somos o que bebemos e comemos e o que bebemos e comemos tem muito pouco de nacional. É fruto de constantes cruzamentos e influências, de migrações sucessivas (André Ventura e todos os racistas e xenófobos do país deviam ler mais sobre a história do vinho e dos alimentos). Na verdade, somos todos imigrantes.

Recentemente, Merz, o novo chanceler alemão, foi a Washington enfrentar o Presidente dos Estados Unidos na Sala Oval da vergonha e lembrar-lhe isso mesmo. O quadro que lhe ofereceu com a certidão de nascimento do avô de Trump na Alemanha, em 1869, não teve a força lancinante do grito dos famintos, mas foi uma bela bofetada. Serviu, sem necessidade de qualquer palavra, para recordar a Trump que também ele é um imigrante e um imigrante, já agora, com origem no mesmo país dos nazistas que mataram milhões de judeus tão judeus como o seu amigo Netanyahu.

Uma festa para o cérebro

O prazer é uma sensação de plenitude e de euforia, espécie de apoteose cerebral que nos conduz ao Nirvana, ou seja, ao próprio Céu. Sendo vital, o prazer está quase sempre ligado ao deleite sexual, aquela sensação contida na hora suprema e tão sofregamente perseguida do orgasmo.

Os cientistas da Universidade de Oxford descobriram há pouco tempo que o consumo de alimentos doces e gordurosos, digamos um quindim e um pastel de camarão, estimulam a região do cérebro conhecida como córtex cingulado. Ali se localiza uma usina do prazer, endereço cultivado pela ingestão de gorduras e carboidratos tão atraentes quanto a inalação de um perfume ou a recepção de uma carícia.

Nenhuma outra substância é tão cortejada pelo cérebro quanto uma fritura – que é o orgasmo da gordura, ou a dita completamente saturada. É por isso que a humanidade caminha inelutavelmente para a obesidade.

Por causa do cheirinho sedutor da gordura, o prazer de ingerir um sabor irresistível é refém do verbo “saborear”, ou seja, comer com volúpia um alimento, gorduroso que seja.

Uma festa para o cérebro...2

Está para nascer alguém que não goste de batata frita. O cheirinho de batatinha frita – ou de pipoca amanteigada – derruba vontades, impérios e regimes. Sabe-se agora por que.

“Chantagem” do córtex cerebral. A usina do prazer ali instalada “adora” receber um carinho físico, um elogio, um cheiro agradável, ou um estimulante químico, como a cocaína ou a heroína. Mas o seu herói predileto é mesmo o hambúrguer com batatinha frita.

“O cérebro” – asseguram os cientistas –, “desenvolveu mecanismos para aumentar o consumo de comidas calóricas”. Por uma razão: na pré-história do homem, caloria era sinónimo de sobrevivência. Ainda é. Com a diferença de que o homem já não precisa correr atrás da caça, nem caminhar para vencer distâncias.

O homem está entregue ao hedonismo da mesa, ao comer “por prazer” e não “por necessidade”.

Uma festa para o cérebro...3

O estímulo à sedução do alimento calórico está, diz o cérebro, no apelo visual e olfativo. Batatinhas fritas, bem crocantes e “lindonas”, despertam apetites até mesmo nessas sacerdotisas da boa forma, nessas novas deusas do perfil anoréxico, que são as “modelos”.

Está tudo no cheiro, conectado ao sabor. O cheiro de um perfume, natural que seja, é uma festa para o cérebro. Há um vero prazer em caminhar-se num jardim de azaleias, ou no meio de jasmineiros, essas flores tão aromáticas – róseas, amarelas ou brancas –, nativas das regiões tropicais.

O perfume nos seduz – e o perfume de mulher, como no filme, nos seduz ainda mais.

Uma festa para o cérebro...4

Não se trata mais de uma suposição. Agora é a Ciência: há uma química poderosa na batata frita, no pastelzinho de camarão, na almôndega de boteco pé-sujo, no ovo estrelado, na ova de pescada frita, num bife amanteigado – assim como há sedução num par de seios cheirosos e num cangote tratado a alface.

Rendo-me a uns e outros, com a nova razão desse habeas corpus chegado diretamente da academia de Oxford: a gula por alimentos ricos em gordura – e por isso saborosos – não está na sem-vergonhice dos gordos, mas na usina cerebral que palpita pelas batatinhas fritas.

Justificadas por essa nova lei da química cerebral – que as eleva ao Paraíso do sabor – as batatinhas fritas tornaram-se ainda mais perigosas, se podem ser devoradas sem culpa.

Aqui para nós: o cérebro é que é um safado. Não está nem aí para a boa forma. Só quer divertir os queixos.



Esta semana, em tarde de conversas descontraídas durante visita ao Grupo Mirante, o ex-Presidente José Sarney passou um bom tempo relembrando seus bons tempos de jornalismo para Eveline Cunha, chefe de Redação e do Núcleo Rede - Televisão Mirante

Passa nem tão livre assim

Há boas utopias e aquelas que ficam bem apenas no campo dos sonhos.

Passa livre para estudante é uma delas. Primeiro, por que só para estudantes? Por que não para professores, operários, barbeiros, manicures, enfim,

toda a população dita carente? Passe livre quer dizer 100% de subsídio, pois o empresário não vai ficar sem o seu pagamento.

Quer dizer: quem vai pagar é o mesmo pagador de impostos que sustenta a máquina estatal.

Verdade que em países de melhor índice de desenvolvimento humano (IDH) o Estado subsidia o transporte público em até 70%, como acontece na França, onde o usuário de metrô e ônibus paga apenas 30% do custo.

Católicos e evangélicos

Estudos mostram que o pluralismo religioso se consolida no Brasil.

O catolicismo continua sendo maioria no país, mas perdeu a hegemonia.

É visível o crescimento espantoso dos evangélicos

até mesmo em cidades onde o catolicismo sempre foi predominante.

Qualquer povoado do Maranhão, até bem pouco tempo só era visitado por padres. Nos dias de hoje, a presença de evangélicos é marcante e indiscutível.

Presidentes e Governadores

A Academia Brasileira de Letras tem em seu quadro de sócios vitalícios três ex-presidentes da República.

Ocupam cadeiras na Casa de Machado de Assis, o maranhense José Sarney, 95 anos, e o carioca Fernando Henrique Cardoso, 94 anos.

Antes dos dois, só Getúlio Vargas. Juscelino Kubitschek até tentou mas não conseguiu.

Com relação à Academia Maranhense de Letras, oito ex-chefes de Poder Executivo do Estado marcaram presença na Casa de Antônio Lobo. Três interventores: José Maria Reis

Perdigão, Astolfo Serra e Clodomir Cardoso; dois governadores eleitos em pleito indireto: Aquiles Lisboa e Pedro Neiva de Santana; três eleitos pelo povo: Godofredo Viana, José Sarney e Flávio Dino (57 anos).

Só os dois últimos estão vivos.

Estado de tensão

A população de São Luís, como de resto do Brasil inteiro, vive sob um estado emocional tão forte, que, há pouco tempo, os moradores do bairro Renascença, passaram por um grande sufoco.

Uma procissão, sob intenso fogueatório, saiu da igreja de São Paulo Apóstolo, anunciando o começo da festividade em homenagem ao santo.

Foi o bastante para que os moradores do bairro se trancassem nos seus apartamentos.

Grãos de sonho e de poesia

O poeta tece, cuidadoso, sentimentos, impressões, palavras, em versos, preces silenciosas, confissões do avesso de si mesmo. Um mosaico de cores e sombras ele arma, constrói, como um artefato, um labirinto, fluxo de vida, explosão de sentidos, metáforas!

Nessa busca incessante de novos significados, tece o poeta sua teia de signos e magia: a poeira deixada pelas estrelas e que orvalha o chão de grãos de sonho e de poesia.



Teatro Artur Azevedo em noite de gala

170 anos de Artur Azevedo

Transcorre no dia 7 de julho, os 170 anos de nascimento do escritor, dramaturgo, poeta, contista, prosador, comediógrafo, crítico, cronista e jornalista maranhense – nascido em São Luís no dia em 7 de julho de 1855 – Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo, ou simplesmente Artur Azevedo, reconhecidamente uma das maiores expressões do teatro brasileiro de todos os tempos.

Autor de muitas comédias, operetas, dramas, revistas, paródias, burletas e monólogos, Artur Azevedo também escreveu poesias e contos. Foi fundador, ao lado de seu irmão, o escritor Aluísio Azevedo, da Academia Brasileira de Letras e é patrono das Academias de Letras do Maranhão e de São Paulo.

O Maranhão o homenageou ao dar o seu nome à mais importante casa de espetáculos deste estado, o então Teatro de São Luís.



Nazi Holanda de Alencar ao lado do bolo de aniversário



A octogenária com os filhos Mércia Almeida, Mauro, Mário (Dedé) e Márcia Holanda de Alencar

80 ANOS FESTEJADOS COM TERNURA



Nazi com sua tia Oneide Léda



Nazi com a cunhada Ana Jacy do Egito Holanda



A aniversariante com as amigas Roseny Oliveira e Vilma Vieira



Nazi Holanda de Alencar com Edinice Veras



Sentados: Mércia Almeida e o irmão Mauro; de pé, Glorinha Holanda, Nazaré Lima, Nery Vanda Silva, Márcia Alencar, Clores Holanda



as



Ilhma Almeida com as noras Mércia Almeida e Ilka Braide



Cássia Veras, Nazi Holanda de Alencar e Joalice Veras



As irmãs Márcia e Mércia com a prima Marcella Holanda Vilhena



Nazi com o filho Mário (Dedé), as netas Lara e Gabriela e a nora Glorinha

No coração da Península da Ponta d'Areia, o grande sucesso do momento, no Champs Mall, é a casa de chá RB, um espaço pioneiro em proporcionar a experiência do Chá da Tarde Inglês em São Luís. O bonito salão, pensado para encontros leves, trocas sinceras e memórias com afeto oferece uma bela vista para a baía de São Marcos. E nele, a pausa vira momento.

Na tarde de 24 de junho, um reencontro emocionante marcou o aniversário de uma idosa de 80 anos, Nazi Holanda de Alencar, nascida em Presidente Dutra (MA) e há muitas décadas radicada em São Luís.

Sua filha mais nova, Mércia de Alencar Almeida, que mora em Miami, Flórida – EE.UU) veio especialmente para comemorar a data com os irmãos Mauro, Márcia e Mário. E o fizeram num ambiente romântico, com direito a um show da violinista Thaynara Oliveira, que encheu da melhor música o ambiente, no qual cada detalhe foi pensado para refletir a elegância, a doçura e toda a alegria de viver que a aniversariante transborda.

O resultado foi um encontro muito especial que reuniu a família e algumas amigas em torno de uma história de 80 anos muito bem vivida.

Afinal, celebrar a vida é honrar cada capítulo que escrevemos e brindar às páginas que ainda virão.

O ponto alto da tarde/noite de beleza e encantamento, ficou por conta da saudação feita pela poetisa Gabriela Alencar, neta da aniversariante que, sem esconder a emoção, prestou à avó paterna esta bela homenagem:

"Hoje eu poderia falar da Nazi Holanda de Alencar, filha do Geraldo e da Maria de Nazaré, da irmã de Vanda, Clores e Glória, Rinaldo, Pergentino, Geraldinho, Nacor, Holandinha e João. Da Nazi que nasceu em Presidente Dutra, em 24 junho de 1945, há exatos 80 anos. A minha avó.

Mas hoje eu quero falar da Nazi que, no auge

dos seus 80 anos, ainda é uma menina. Com sua alma jovem, destemida, dançante, reluzente... que ainda guarda com primor as suas bonecas cujo cuidado as fazem permanecer intactas com o decorrer do tempo.

Uma menina que, desde muito jovem, precisou tornar-se mulher, mãe de 4 filhos, que, tirando por papai, deram muito trabalho...

Lembro de ver fotos de vovó na parede do seu apartamento, com pouquíssima idade, e já conduzindo uma família. Conduziu com maestria, rompendo paradigmas do seu tempo porque ousou ter coragem. Seguiu seu coração, viveu e vive sua vida a seu modo, do jeitinho Naíze Clair de ser. Sempre dançante, sempre livre. Este é o maior ensinamento que ela me deixou. A sua coragem e a sua vontade de viver.

Sempre me impressionou a amizade de Vovó com Joalice, que também considero minha outra avó... graças a ela, a vovó Nazi, que a tratou como uma amiga irmã. Elas são mesmo mulheres a frente da sua época. Tão poderosas. Não há nada mais forte que duas mulheres que decidem se unir pela família.

Nazi Holanda de Alencar é isto, este verdadeiro acontecimento da natureza. Um furacão. Sem papas na língua, dona de si, mas repleta de ternura e cuidado. Tem uma comidinha maravilhosa, inúmeros dotes artísticos, e é muito carinhosa, a seu modo.

Me enche de presentinhos, diz pra eu ir até o quarto dela escolher uma das suas pulseiras e brincos pra levar comigo. Eu entendi, é o modo dela de dizer que quer que eu sempre guarde um pedacinho dela comigo.

Mas a verdade, vó, é que nem precisa, porque a minha vida sempre estará marcada pelo sua, e sempre te levarei no meu coração.

Obrigada por tudo que a senhora é e representa para nossa família, um verdadeiro pilar.

Nós te amamos muito! Feliz aniversário!"

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Em ação, interpretando um repertório romântico, a violinista Thaynara Oliveira



A aniversariante com seus quatro filhos



Nery Vanda Silva, Nazi Holanda de Alencar, Nazaré Lima e Sônia Lima



Nazi com as netas Lara Alencar e Gabriela Feitosa



Ihelma Almeida e a aniversariante



Nazi e sua prima Ivonete Campelo



Glorinha Holanda, Clores Holanda, Mércia Almeida e Márcia Alencar



Nazi com as primas Ana Cristina e Arlene



A aniversariante com as irmãs, as filhas, as netas, parentas e outras convidadas



Nazi com as filhas Mércia e Márcia

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Amaro Santana Leite e Ana Lúcia Albuquerque, o Repórter PH e a aniversariante Teresa ao lado do bolo de aniversário



O delicioso bolo preparado com engenho e arte por Catarina Albuquerque

NO CABANA DO SOL

uma linda noitada só com gente de charme para festejar Teresa Martins

Charme, beleza e simpatia desfilaram de mãos dadas pelo salão mais bonito do restaurante Cabana do Sol, na Ponta do Farol, e deram o tom à memorável e glamorosa noitada de 24 de junho produzida especialmente para a comemoração do aniversário de Maria Teresa Martins.

Os convidados começaram a chegar por

volta das 20h30 para um jantar delicioso com os mais famosos quitutes que fazem sucesso no restaurante da família Fialho, regado a vinho tinto e/ou champagne.

Para adoçar o tradicional "parabéns pra você", um delicioso bolo preparado com engenho e arte por Ana Catarina Albuquerque (celular comercial: 98 98255-7575), que está fazendo sucesso com sua fábrica

artesanal de bolos para festas.

E assim, num ambiente dos mais alegres e descontraídos, com boas rodas de conversas, não faltaram elogios aos quitutes deliciosos servidos para o jantar.

A aniversariante era só alegria e emoção pela demonstração de carinho que recebeu de um grupo formado por alguns de seus melhores amigos.



José Carlos Salgueiro e Rosimar com os filhos e noras



César Bandeira e Thatiana com Teresa Sarney



Teresa Martins com Gabriel e Sandra Batalha



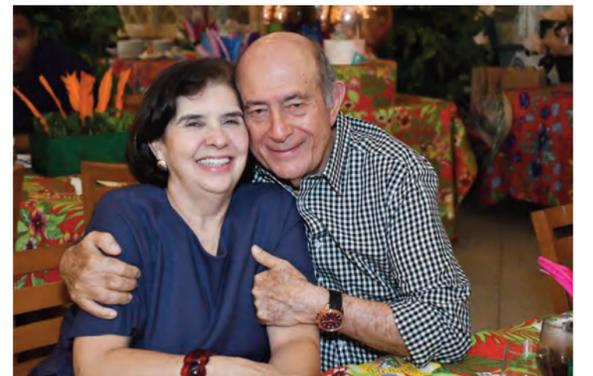
Marilete Viégas, Teresa Martins e Thatiana Bandeira



Glauco Salgueiro e Mércia, Pedro Salgueiro e Carla Duque com André Jardins e Elly



Flávia e Nilson Frazão Ferraz



Ana Lúcia e Amaro Santana Leite



César Bandeira e Thatiana com André e Elly Jardins, Flávia e Nilson Ferraz



Teresa Martins brindando com o PH

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



O Repórter PH e Teresa Martins com os maîtres Joaquim Araújo e Elemilton



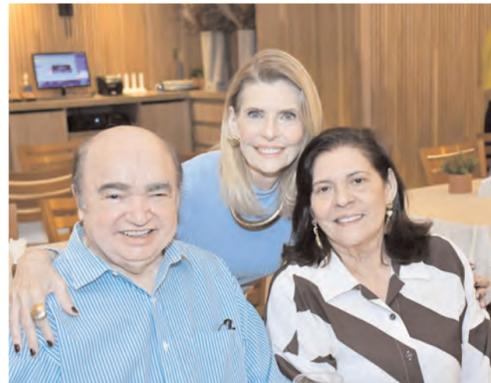
Teresa Martins com Nilson Ferraz e Amaro Santana Leite



Daniel Aragão Albuquerque Filho



Vanuza Araújo e Benjami Franklin Alves



O Repórter PH com Cíntia Klamt Motta e a aniversariante



O Repórter PH com Marileth Viêgas e Teresa Martins



Emmanuel Márcio Barbosa e Francisca



Gabriel e Sandra Batalha Lima com Étia Vale e Leonardo Barros

Sortilégios da cozinha

Revi, mais uma vez, dia desses, com o mesmo prazer de quase 30 anos atrás, "Como Água para Chocolate", uma reflexão filosófica, digamos assim, sobre a gastronomia.

A ideia geral do filme é a exaltação dos sentidos, transformada numa história

sedutora: o livro de Laura Esquivel superou a marca dos 3 milhões de exemplares, e o filme, cujo roteiro ela escreveu sem traírem o cinema e nem a literatura, teve plateias repletas e emocionadas em mais de 20 países.

Tantos anos depois, resistiu ao tempo.

Sortilégios da cozinha...2

A história resiste e continua cativante porque funciona. Primeiro, funciona como celebração da cozinha, elevada a território mágico.

Cozinhar não é um dever aborrecido a ser executado por uma dona de casa exausta e sem esperança, ou por empregadas contrafeitas, ou por alguém com pressa descongelando qualquer coisa num micro-ondas.

O bom desempenho na cozinha carrega, para Tita, o impulso de uma vocação e a urgência de um destino. "Amor", segundo ela, era o seu maior segredo culinário.

Quando o mundo parecia desabar, Tita emergia de cada um de seus naufrágios agarrada à solidez do velho fogão a lenha, que governava como se fosse o timão que não pode ser abandonado numa tempestade. E se salvava da desesperança com o alento dos sortilégios que sabia retirar daquelas panelas gastas.

Esses sortilégios, na forma de sabores às vezes insuspeitados, não eram resultados matemáticos de receitas bem executadas.

As receitas, numa cozinha, são por certo indispensáveis como uma bússola em alto-mar. Mas receitas e bússolas se tornam instrumentos sem serventia se não houver, para decifrá-las, timoneiros como Tita, de rumos inabaláveis.

Sortilégios da cozinha...3

A história de Laura Esquivel também funciona como uma metáfora às vezes empolgante, às vezes dolorosa, sobre a supremacia dos sentidos. O paladar, o olfato e a atração sensual são amáveis fatalidades à espera.

A diferença de Tita é que ela se rende aos apetites e às fatalidades. "Como Água para Chocolate" é um hino a essas saborosas rendições: seja nas cenas quase lúbricas em que os convidados se deliciam

voluptuosamente à mesa, ou no esplêndido momento em que Tita, apesar da vida reconstruída por um afetuoso e paciente companheiro de conveniência, surpreende a plateia e "traí" o noivo, vivendo num instante irresistível a paixão da vida inteira.

É desconcertante perceber que os impulsos sensuais reinam esmagadores sobre as certezas organizadas de nossa razão, feitas de acordos, resignações e desistências sem consolo.

Os italianos da Navona

Você já deve ter ido à Piazza Navona, em Roma. É um dos pontos turísticos mais visitados do mundo, um lugar "manjado", digamos assim, até porque lá está engastado o belíssimo e quase suntuoso palácio da embaixada brasileira. Certo.

Então, não vou falar das belezas e da história da Piazza Navona, que você conhece bem. Vou sugerir que você faça o que fiz na primeira vez em que estive na Itália.

Eu estava sozinho e, num sábado de manhã, sentei-me à mesa de um café na Piazza Navona, pedi um cappuccino cremoso e fiquei fazendo o que a minha avó definiria como "olhar o movimento". Fiquei observando aqueles italianos e italianas circulando por ali. As italianas são lindas, isso todo mundo sabe graças a Sophia Loren, Claudia Cardinale, Monica Bellucci e Ornella Muti.

E os italianos... Bem, os italianos são americanos frustrados. Veja-os se exibindo na Piazza Navona. Vestem jeans, mascam chiclete, comportam-se como americanos de filme. Tudo o que queriam era falar inglês em Hollywood.



Fontana de Trevi em Roma

Quando o tempo era todo nosso

Sou do tempo em que os colégios públicos eram modelos de ensino.

Sou do tempo em que brincar era só no recreio e não em sala de aula no tal aprendizado "lúdico". O ensino era sério.

Sou do tempo em que existia avaliação semanal com posição na classe conforme o número de pontos e notas de comportamento e aplicação.

Sou do tempo em que o professor dizia "de pé quem está conversando" e os conversadores ficavam de pé até o professor mandar sentar de novo.

Sou do tempo do exame oral e de provas decisivas em onze matérias. Reprovava em uma, repetia de ano. Duas reprovações era expulso do colégio

Sou do tempo em que meu pai colocava a cadeira na calçada, sentava, dormia e as pessoas passavam e o cumprimentavam.

Sou do tempo em que tinha mata mosquito uniformizado e fiscal sanitário com ficha colada na porta da nossa casa onde punha a data da visita.

Sou do tempo em que existia guarda noturno. Eles apitavam.

Tudo isso foi destruído a partir de 1964, um sucateamento consolidado na fase atual da ditadura.

Sou do tempo da sulfá, do cataplasma e da vacina antiptiogênica.

Sou do tempo em que não dávamos um tempo, porque o tempo era todo nosso.

Um longo caminho

Há um poema em cada amigo. Custa descobri-lo. Precisa tempo, distância, comunhão, exílio.

A magia custa a florir como os versos simples.

O inesquecível está na mão mas o braço é um longo caminho entre a ponta de um dedo e o coração.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Rosinete (Nete) Barroso fez foto no bellissimo cenário criado pela designer Cintia Klamt Motta



Trio de belas mulheres: Socorro Noronha, Paula Vileva e Sílvia Parente

ECOS DA FESTAÇA BOI DA LUA

Quem teve o prazer de participar da edição 2025 da Festaça Boi da Lua, vai custar a esquecer de toda a magia e encantamento dessa noite, indiscutivelmente a mais elegante e prestigiada do "Maior São João do Mundo", como foi batizado o festejo junino maranhense deste ano.

Realizada no mais bonito e confortável salão de festas desta capital – o Palazzo Eventos, no Araçagi, administrado com zelo e competência pela empresária Évila Pinheiro –, a festa não poderia ter sido melhor.

Decoração deslumbrante,

espetáculos folclóricos contagiantes, matracas e pandeirões dando ritmo às toadas compostas por inspirados artistas que trazem no sangue a força e o lirismo da cultura popular do Maranhão e dançadas por tribos de jovens que tornam ainda mais bonita a magia da dança do bumba meu boi, reconhecido pela Unesco como Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade.

Das muitas mensagens de aplausos que recebemos pelo sucesso da Festaça de 2025, selecionamos o de Donizete Machado, uma goiana apaixonada

pela cultura popular do nosso estado, tanto que se produz com engenho e arte para brilhar nos grandes eventos dos festejos juninos. Usando a mais bela fantasia inspirada nas que são usadas pelos brincantes de bumba meu boi, ela deixou esta mensagem registrada: "Parabéns pela magnífica festa! Foi maravilhosa! Linda! Aquele painel da entrada com os 3 Santos estava majestoso! Me emocionou muito! Os Bois, lindos e alegres, creio que estavam felizes por estarem na festa do Senhor PH – é assim que eles te chamam. O resto foi só prazer, alegrias e emoções!"



Lenny Giffoni, Ana Izabel Fernandes Azevedo, Flávia Gaspar e Betânia Nobre formaram um grupo muito animado



Rachel Brandão, Roberto Brandão, Lara, Rose e Betto Pereira, Claudete Brandão, Ana Maria e Kécio Rabelo no clima da festaça



Vestidos a caráter, Marcos Muniz e Helena entraram no clima da festaça



A cantora Mairla Oliveira (da banda Mix Brasil e do grupo Lamparinas) marcou presença bonita com sua bela voz, acompanhada de Ruan



Antonio Carlos Medeiros e Nazira usaram bonitos chapéus de vaqueiros de bumba meu boi

Fotos/Divulgação



Michele e Ricardo Carreira, diretores da Faene, com Rafael Peccin, CEO da Rede Casa Hotéis

Michele e Ricardo Carreira em Gramado

O Maranhão pretende dar um salto no setor da gastronomia, hotelaria e eventos. Prova disso é que o MBA em Gastronomia, Hotelaria e Eventos, uma iniciativa da Faculdade de Negócios Faene, instituição com sede no bairro Angelim, já formou a primeira turma e está em vias de abrir a segunda.

A segunda turma agregará novos professores, palestras e visitas técnicas. Os diretores da Faene, Ricardo e Michele Carreira, aliás, foram até Gramado, no Rio Grande do Sul, para um contato direto com grandes redes de hotéis daquela região do Brasil. O objetivo é selar parcerias que irão render bons frutos, sendo de extrema importância para os alunos do MBA.

Michele e Ricardo estiveram, por exemplo, com o empresário Rafael Peccin, CEO da Rede Casa Hotéis, cujo portfólio inclui o Hotel Casa da Montanha (um dos mais tradicionais de Gramado - RS), o Hotel Parador da Montanha, o Hotel Petit Casa da Montanha e o Hotel Wood.

MBA GHE

A ideia do MBA em Gastronomia, Hotelaria e Eventos (MBA GHE) surgiu após o aquecimento do setor, o que ocorreu com o enfraquecimento da pandemia do novo coronavírus.

Os diretores perceberam uma movimentação muito grande do segmento gastronômico, de eventos e hotelaria após a pandemia, quando a vida estava voltando ao normal e era preciso reaquecer a economia.

A primeira turma foi um sucesso. O projeto foi executado em parceria com o Hotel Blue Tree de São Luís.

● O São João acabou, mas as baladas de julho vão começar com força total. Uma das primeiras anunciadas e que devem atrair numeroso público é o Arrocha Prime, nesta sexta-feira, dia 4 de julho, às 20h, no Casarão Beira Dumar, na

Avenida Beira-Mar, uma das mais badaladas casas de eventos do Centro Histórico da capital.

● A sexta especial com o Arrocha Prime vai reunir, no palco, os cantores Gildean Marques e Luan Costa, duas

potências vocais do gênero.

● Além deles, o público vai curtir o Baile do PV, com PV Silveira no comando, e as melhores sequências do DJ Rasuk. Tudo isso em clima de boteco, em associação com arrocha e brega.



O FAMOSO JOGADOR JEAN LUCAS, de férias da Bahia, festejou seu aniversário de 27 anos no Rio de Janeiro, no dia 21 de junho, no JP Salão de Festas, e o tema foi São João. Entre os convidados estava o empresário maranhense Paulo Ricardo Dias, que há muitos anos reside na Cidade Maravilhosa e está sempre cercado de amigos, entre diversas celebridades, inclusive do futebol. A estada de Jean Lucas na terra do Corcovado, ainda rendeu um passeio por pontos turísticos. No click de Vanessa Pifano, Paulo Ricardo aparece com o aniversariante, Jean Lucas, e Wallace Moura Pinto, designer de joias dos famosos



Em um passeio pelo Corcovado, Paulo Ricardo Dias, o jogador Jean Lucas e Felipe Guilherme, designer de modas e digital influencer



Rael Matias, Jean Lucas e Paulo Ricardo

STÊNIO ROBERTO E FABIANE SANTOS NO 'JULHO VERDE'

Em alusão ao Julho Verde, mês dedicado à conscientização e prevenção do câncer de cabeça e pescoço, os médicos Stênio Roberto Santos e Fabiane Santos reforçam a importância do diagnóstico precoce para melhorar significativamente o

prognóstico dos pacientes.

Segundo dados do Instituto Nacional de Câncer (Inca), o Brasil registra em média 15 mil novos casos anuais de câncer de cabeça e pescoço – que engloba neoplasias de boca, faringe, laringe, tireóide e

glândulas salivares.

As campanhas do Julho Verde têm papel fundamental na vigilância epidemiológica, no mapeamento de áreas de maior incidência e na mobilização de recursos para exames e tratamentos.

O casal de médicos cirurgiões Stênio Roberto e Fabiane Santos comanda a agenda concorrida de pacientes que buscam cuidados para casos de câncer de cabeça e pescoço em São Luís. Principalmente neste mês da campanha nacional de combate a essas doenças, o Julho Verde, em sintonia com a Sociedade Brasileira de Cirurgia de Cabeça e Pescoço

